

UM OLHAR SEMÂNTICO SOBRE O USO DAS PREPOSIÇÕES: POR UM ENSINO REFLEXIVO DA LEITURA E DA GRAMÁTICA NA ESCOLA

Aline Barbosa Rodrigues Oliveira (UFT)

alinebro1@live.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

Simone Rodrigues da Silva (UFT)

S2HHAR@yahoo.com.br

RESUMO

No intuito de averiguar o uso das preposições e suas relações semânticas por parte de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública, foi realizado um projeto de intervenção com a turma 72.01 (7º ano) da Escola Estadual São José Operário, em Paraíso do Tocantins. Segue uma análise sobre o uso das preposições, sua compreensão e a sequência didática realizada nas atividades. Explanamos a história e a função da escrita, tencionando para o ensino da semântica por aprofundar no imaterial. Como verificação obtida, obtivemos a clarificação da necessidade de deslindar a criança do seu universo explícito e perceptível para o mundo adventício das maneiras intelectivas que despertam o conhecimento de situações intrínsecas vitais e primordiais para a aprendizagem.

Palavras-chave:

Preposições. Semântica. Evolução da escrita.

1. Introdução

O objetivo da presente produção¹⁷⁵ é realizar a análise e as reflexões da investigação científica de atividades desenvolvidas com a turma selecionada¹⁷⁶ durante as aulas de Língua Portuguesa, seguindo conteúdos propostos no Referencial Curricular¹⁷⁷ e inquietados pelo que atentam as afirmações de Marques e Martino (2017, p. 38-9), quando dizem que “a responsabilidade ética de quem pesquisa não é só epistemológica (com relação à objeti-

¹⁷⁵ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

¹⁷⁶ Turma 72.01º ano do Ensino Fundamental, matriculados e assíduos na Escola Estadual São José Operário.

¹⁷⁷ Documento Referência para Elaboração dos Planos de Ensino/ 2018 – Tocantins – TO.

vidade científica), mas igualmente política (diante dos sujeitos pesquisados)”.

Situamos a pesquisa na esfera pertinente ao estudo da língua em uso, tão defendido por estudiosos e profissionais da Educação. A atividade diagnóstica teve, como objetivo maior, documentar o saber individual de cada estudante, a fim de, posteriormente, tecer um paralelo entre esse saber e os conhecimentos adquiridos por intermédio das atividades de intervenção executadas. Consta ainda, neste texto, o diagnóstico preliminar das informações colhidas a respeito do saber já advindo dos estudantes de séries anteriores sobre as preposições.

A metodologia do trabalho e a sequência didática são descritas após a compreensão com evidências dos pontos mais significativos realizados em campo de estudo por entendermos que essas oportunizam ao aluno um aprendizado produtor com saberes conectados que se completam, desenvolvendo habilidades capazes de melhorar o desempenho do aluno como leitor questionador e autárquico.

Na prossecução do trabalho, há a sequência explicativa sobre a evolução da escrita desde seu primórdio, processo esse indispensável para que os estudantes depreendessem a necessidade da criação de palavras que desempenhem o papel de elo conector entre outras palavras; para que conseguissem expressar sem incertezas ou ambiguidades a mensagem pretendida; para que tentassem melhoras e evoluções como acontece ao longo das tentativas vistas na história da língua.

Na contiguidade, é relatada a forma diferenciada de trabalho a ser realizada. Objetivamos, assim, ir além das nomenclaturas, estimulando com instruções os educandos quando demonstraram dificuldades e provocando crescimento intelectual sobre os conteúdos ministrados. As atividades utilizadas que portavam as tirinhas do Menino Maluquinho do escritor Ziraldo¹⁷⁸ foram relevantes também para conhecerem a vida e obras do autor supracitado. Ao término das atividades, aplicamos uma atividade diagnóstica para averiguação da evolução da aprendizagem.

A título de discussão e destaque das considerações obtidas, reiteramos a necessidade de novos estudos que sejam pertinentes ao uso das preposi-

¹⁷⁸ Ziraldo Alves Pinto. Além de pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor.

ções e a prática de atividades que sejam condizentes ao estudo aqui desenvolvido.

Preposições: relevantes, mas menosprezadas

Ao longo de todo o ensino escolar, as preposições sempre estiveram presentes nos estudos gramaticais quando se refere às classes de palavras. No entanto, esses estudos, em sua prática, ainda estão aquém da importância que tem as preposições para a leitura, compreensão, interpretação e produção dos enunciados. Um estudo semântico efetivo e aprofundado dessa classe de palavra vem sendo postergado há anos, quer por má formação profissional, quer pela insuficiência ou inexistência de material didático adequado ou pela total inexistência de materiais de apoio sobre o assunto. Para constatar tal deficiência, basta averiguar as últimas Coleções Didáticas¹⁷⁹ recebidas nas escolas municipais e estaduais, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio a realidade é a mesma: nenhuma, raras ou confusas menções ao conteúdo “preposições”.

E como se não bastasse à ineficiência desses materiais de apoio para o professor, as atividades inseridas são exíguas, mesmo para a Segunda fase do Ensino Fundamental em que o conteúdo consta nos referenciais como obrigatório.

Exemplificando, vemos que uma dessas ineficiências se diz quanto aos estudos sobre a semântica das preposições. A maioria dos livros didáticos ignora o fato de que o aluno possa não saber identificar ainda nenhum sentido expresso por elas, simplesmente por desconhecerem o significado oriundo da própria nomenclatura que a define. Há negligência em abordar de maneira trivial e sintética o uso de palavras que estabelecem com outras uma conexão sólida capaz de extinguir qualquer obscuridade, imprecisão ou dúvida nos textos. Sua relevância é tão grande que, como sabemos, uma mudança dessas “pequenas notáveis” pode modificar consideravelmente todo um contexto, aspecto indiscutivelmente importante na fala e na escrita.

Preocupamo-nos com essas e outras lacunas deixadas ao longo dos anos no ensino da Educação Básica. Refletindo sobre o assunto, observa-

¹⁷⁹ “A distribuição dos livros é feita diretamente pelas editoras às escolas, por meio de um contrato entre o FNDE e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Essa etapa do PNLN conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de educação” (PORTAL MEC).

mos que muitos estudiosos têm atribuído o fracasso escolar ao estudo das regras gramaticais e seus exercícios intermináveis e descontextualizados e ainda que, estudantes em todo o Brasil têm piorado seus índices em leitura e escrita nas últimas décadas. Como comprovação dessas observações, o último PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes) divulgou que dentre os 70 países analisados, o Brasil ficou na 59ª posição em leitura (PISA, INEP, 2018). As avaliações demonstram que os estudantes brasileiros leem mal e estão em um nível proficiente de leitura muito abaixo do necessário e esperado.

Argumentamos que o conhecimento e compreensão de conteúdos básicos, como as preposições, dariam base para uma transformação desse quadro de fracasso escolar. Vemos que, tanto as preposições como os adjetivos, advérbios e conjunções, são palavras que quando inseridas de forma adequada no texto possibilitam uma riqueza de sentido e uma amplitude de compreensão para o leitor que modificam significativamente a qualidade da escrita. Porém, trata-se de conteúdos que requerem atenção e consciência do uso, pois revelam ou expressam sentidos que influenciarão quanto ao entendimento mais adequado da mensagem. Tais palavras, caso sejam bem assimiladas logo no início da formação leitora, facilitarão o processo complexo que é realizado no cérebro para o entendimento de informações que são transmitidas instantaneamente não só por via escrita como também na via oral.

Aprender sobre as preposições é aprender uma das muitas partes que contribuem para uma leitura proficiente.

Qualquer texto comporta interpretações que requerem mais do que as palavras que lá estão expressas. Ou seja, a totalidade do sentido do texto tem que ser encontrada também em níveis que transcendem a materialidade do texto. Todo leitor traz para o texto seu repertório de saber prévio e vai com isso, realizando inferências ou interpretando os elementos não explicitados no texto; e vai, assim, compreendendo-o (ANTUNES, 2003, p. 84).

Possivelmente, um dos fatores que corroboram para a defasagem no que se refere a um nível satisfatório de leitura são as escassas atividades para o trabalho com o intelecto. “Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido. [...] Esquece-se a ironia, a análise de intenções, a metáfora e outros aspectos relevantes no processo de compreensão” (MARCUSHI, 2002, p. 51). Logo, as habilidades de compreensão podem ser comprometidas.

das, levando a um ensino ineficiente e defectivo, impossibilitando a capacidade de formação crítica e de posicionamento frente às diversas opiniões simplesmente por não ter compreendido o sentido do discurso.

Semântica: relação de sentidos das preposições

Semântica é o ramo dos estudos científicos que estuda o significado. Ao adquirir a pré-disposição ao aprendizado da gramática natural e implícita, a criança evolui para o processo de aprendizado, associando o objeto concreto à sua abstração. Tal habilidade é que faz existir seres pensantes e racionais, já que se pode buscar no íntimo da memória as vivências e aprendizado anteriores (FERRAREZI JÚNIOR, 2008).

Esta concepção traça uma linha divisória entre significado e sentido. Nela, o significado é um objeto ainda desconhecido em sua totalidade, mas concebido como tendo natureza neurológica, um objeto do nível de cognição “pura”. O significado é visto como aquilo que é cognitivamente ativado pela linguagem no nível neurológico (FERRAREZI JUNIOR, 2008 p. 21-2).

É preciso atentar-se para a definição feita pelo autor quando afirma que a semântica é uma linha divisória entre o significado e o sentido, pois conhecendo o significado das palavras não necessariamente será compreendido o sentido delas. Tendo o leitor de fazer um exercício mental em busca de um conhecimento de base neurológica, implícita. “Assim, cada traço gramatical de uma língua tem que manter, necessariamente, uma correspondência com um sentido que sirva de ponte entre a língua e a cultura, porque a cultura é a ponte entre o indivíduo e o mundo” (FERRAREZI JÚNIOR, 2008, p. 23).

As palavras, que são os sinais e/ou símbolos que se usa para falar e escrever, só ganham sentidos quando imersas em determinados contextos. O processo de associar o abstrato ao significante só é possível porque há uma convenção entre os povos na formação dos vocábulos. Nenhuma palavra tem sentido fixo, podendo variar sua significação e uso de acordo com o tempo, o lugar e o povo.

É importante saber que os sentidos que as palavras têm não são propriamente delas, mas que os falantes é que associam esses sentidos às palavras. Isso, além de mostrar como a língua funciona na prática, mostra o poder que os falantes têm de dar às palavras outros sentidos que elas não parecem ter costumeiramente (FERRAREZI JUNIOR, 2008, p. 38).

Essa associação para a compreensão das palavras e seus respectivos sentidos também lança mão do processo coesivo entre os termos no qual se faz um retorno não só ao que já foi dito no texto, como também ao que está armazenado na memória.

A remissão se faz, frequentemente, não a referentes textualmente expressos, mas a “conteúdos de consciência”, isto é, a referentes estocados na memória dos interlocutores, que, a partir de “pistas” encontradas na superfície textual, são (re)ativados, via inferenciação. É o que se denomina anáfora semântica ou anáfora profunda. As inferências constituem estratégias cognitivas extremamente poderosas, que permite estabelecer a ponte entre o material linguístico presente na superfície textual e os conhecimentos prévios e/ou partilhados dos parceiros da comunicação. Isto é, é em grande parte através das inferências que se pode (re)construir os sentidos que o texto implícita. (KOCK, 2001, p. 23)

São essas inferências e a compreensão dos sentidos expressos pelas preposições que pretendemos demonstrar nesse estudo, entendendo-as não só como conectoras de palavras ou frases, mas conectoras de sentido que auxilia progressivamente o entendimento do texto. Elas serão a ponte inicial para a conscientização dos educandos de que todas as palavras, por menor que sejam, têm seu devido valor e significação, tem uma função importante para a assimilação global das informações.

Explanando resultados e metodologias

O significado de uma palavra representa uma amálgama tão estreita do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável (VYGOTSKY, 1998, p. 150).

Desse modo, a investigação de Vygotsky leva ao entendimento sobre as palavras, pois evocam um significado à medida que são escritas e pronunciadas numa dinâmica de inter-relação, construindo assim um processo de compreensão das partes que formarão um todo. Para tanto, há que se procurar conhecer novos vocábulos - sua composição e formação – para daí construir novos significados, compondo assim um elo de informações que trarão elucidação às mais diversas situações de linguagem e comunicação, num constructo que envolve a palavra e o pensamento como atores

principais para o desenvolvimento da cognição humana.

Quando se fala em desenvolvimento da aprendizagem humana através da compreensão, abre-se um leque de possibilidades e estudos para entender como se dão esses processos, que variáveis percorrem esses caminhos, em que momento isso ocorre na mente e transfere-se para a fala e finalmente a que denominador se chegou.

Os psicólogos da forma começaram estudando a percepção, ou seja, como adquirimos conhecimentos através dos sentidos. Afirmam que não nos limitamos a obter informação do exterior, mas a organizamos profundamente [...] Quando percebemos, estamos realizando um trabalho muito ativo, organizando os elementos e colocando inclusive aquilo que falta. (DELVAL, 1998, p. 38)

Delval aponta caminhos para esse entendimento a partir do relato de alguns estudos e experiências, associando a aprendizagem por compreensão aos sentidos e aos processos que a mente humana desenvolve através das situações cotidianas que vivencia (DELVAL, 1998). Assim, é possível sinalizar que absorve – não intencionalmente – as informações que estão a nossa volta, e por sua vez auxilia a compreender o vasto caminho que a mente humana percorre para abraçar o conhecimento e discerni-lo.

Todo esse contexto remete-nos a um entendimento de que sem compreensão não há aprendizagem significativa, consistente e consequentemente duradoura que se solidifique de forma a trazer sustentabilidade ao saber adquirido. “O problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos” (MORIN, 2002, p. 93-4).

Dessa forma, o estudo e análise dessas abordagens, contribuirão para um ponto de vista mais conciso sobre o desenvolvimento dessa prática em sala de aula, promovendo meios para que ela transcorra da maneira mais simples e objetiva possível, tornando-se componente fundamental no processo de ensino e aprendizagem. O ensino dos conteúdos gramaticais carece de atenção na aplicação, consistência na compreensão, funcionalidade e uso.

Perini (2015) defende o estudo da gramática através de fundamentação teórica seguida das metodologias para que aja um ensino consistente e que faça sentido ao aprendiz, que tenha alguma ligação com a língua utilizada por ele.

Esse preliminar é particularmente importante porque nossa tradição de estudo gramatical frequentemente despreza a fundamentação teórica e metodológica – e, como resultado, apresenta uma descrição cheia de inconsistências, e às vezes sem grande conexão com a língua real (PERINI, 2005, p. 35).

Nenhum conhecimento é adquirido de maneira individual e milagrosa, toda aprendizagem deriva de vivências, observações, leituras, percepções do saber de um indivíduo com o saber de outro. As ideias e descobertas são resultados do que já se sabe sistematizado pela compreensão e hipóteses que surgem a partir da junção de informações que se mesclam no inconsciente de cada ser.

O professor que detém algum conhecimento deve passar a formular métodos de aprendizado para tentar que seus alunos adquiram um determinado conhecimento.

Sequência Didática

Consideramos a sequência didática uma ferramenta metodológica que pode ser frutiferamente utilizada por todos os professores. Com ela, alunos e professores poderão otimizar tempo, usando-o de maneira mais proveitosa e eficiente. Segundo Dolz e Schneuwly a sequência didática é “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem” (SCHNEUWLY, DOLZ, 2011, p. 43).

Pensando nessa melhoria da prática, optamos pelo trabalho com a sequência didática para maximizar as oportunidades de o aluno alcançar um aprendizado produtivo. “É importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, através de diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, deste modo, suas chances de sucesso” (SCHNEUWLY; DOLZ 2011, p. 104).

O professor que trabalha com uma sequência didática tem consciência de onde quer chegar, sabe que poderão acontecer imprevistos, porém, devido à organização, segurança e estudos prévios trazidos pela realização da sequência didática, o profissional poderá tornar-se mais seguro em buscar novas alternativas que sanem as dificuldades surgidas e apresentadas pelos alunos no decorrer do processo dinâmico que são os momentos de au-

las. “A proposta só assume seu sentido completo se as atividades desenvolvidas em sala de aula, e não o material à disposição for determinado pelas dificuldades encontradas pelos alunos na realização da tarefa proposta” (SCHNEUWLY; DOLZ 2011, p. 127-8).

Portanto, utilizamos a sequência didática com o objetivo de consolidar os conhecimentos à cerca das preposições, suas relações semânticas e sua importância para a compreensão de certos enunciados no texto. Abaixo, o quadro exemplifica a sequência didática convertida em intervenção.

TEMA	OBJETIVOS	NÚMERO DE AULAS
Diagnóstico	Diagnosticar as dificuldades dos alunos quanto ao uso e compreensão das preposições	01
Exposição do tema e da situação problemática.	Incentivar e motivar à adesão do projeto.	01
Origem da escrita da gramática e das preposições	Sensibilizar e perceber a importância da escrita para a evolução do homem e do mundo	01
Preposições e Locuções Prepositivas.	Despertar o interesse dos alunos por assuntos gramaticais, bem como apresentar a definição e identificação das preposições.	01
Combinação e contração	Conhecer as possíveis combinações das preposições com outras palavras	01
Valores das preposições – relação semântica.	Compreender o significado de cada valor semântico expresso pelas preposições	02
Preposição x Pronome Relativo E particularidades das preposições	Aprender sobre o uso formal das preposições ante aos pronomes relativos. E o uso das preposições em determinados contextos.	01
Preposição em diversos contextos.	Compreender e identificar as relações semânticas expressas pelas preposições	01
História em quadrinhos	Estudar e aprender as características do gênero bem como os tipos de balões utilizados em sua produção.	01
Biografia do Ziraldo e história do Menino Maluquinho	Conhecer a biografia do autor das tirinhas e do personagem que serão suporte para a finalização deste trabalho	01
Menino Maluquinho	Ler e conhecer ou relembrar as	

	aventuras do Menino Maluquinho	01
Tirinhas	Produção de tirinhas com preposições	01
Material didático	Elaboração de material didático para acervo da biblioteca e para utilização de outros professores e alunos	01
Avaliação	Constatar o grau de eficiência das atividades quanto à aquisição de conhecimentos sobre as preposições	01

Quadro 01: Sequência Didática. Criada pela autora. *As aulas são de 50 minutos.

Essa sequência didática foi fielmente aplicada, buscando promover um estudo completo e amplo com atividades desafiadoras e instigantes. Intencionando sempre a renovação para captar e manter o foco dos alunos no objeto principal: o estudo das preposições e suas relações semânticas.

Inicialmente os educandos fizeram uma atividade diagnóstica a fim de coletar dados que possibilitassem analisar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida estudantil. Em seguida foram motivados a participarem dessa pesquisa de forma ativa e como parceiros da produção final de um material que será disponibilizado para toda a comunidade escolar.

Posteriormente, após uma breve explanação sobre a importância e evolução da escrita. Assistiram um documentário sobre o surgimento da escrita e então realizaram atividades que abordavam o surgimento da gramática e das preposições. Ao final, sintetizaram-se os conhecimentos adquiridos em forma de mapa conceitual, uma vez que os alunos outrora tiveram a oportunidade de aprender mais essa técnica de estudo, a qual instiga habilidades cognitivas que proporciona a autoaprendizagem.

Mas o que tem a ver o surgimento da escrita com o uso e estudo das preposições? É indispensável essa ligação. Por meio do documentário, procurou-se a conscientização da importância da escrita desde os tempos remotos em que fora inventada até aos dias atuais. Passando por Uruk, onde os povos Sumérios inventaram a escrita cuneiforme, até quando os pictogramas evoluíram e deixaram de representar o próprio objeto que eles simbolizavam para representar novos significados no contexto.

Na origem da verdadeira escrita, encontra-se uma invenção notável: o fonetismo. E a astúcia admirável dos Sumérios, como também a dos antigos egípcios, foi utilizar um procedimento tão simples quanto um jogo infantil:

o rébus – charada. Eles tiveram a ideia de usar um pictograma, designando não o objeto por ele diretamente representado, mas um outro objeto cujo nome lhe era foneticamente semelhante” (JEAN, 2008, p. 16).

Os esclarecimentos referentes à maneira pela qual os Sumérios formavam as palavras causou admiração a muitos educandos. Outro dado relevante que os impressionaram, foi à grandiosidade da escrita cuneiforme que em seu tempo possibilitou o registro de muitas atividades além das comerciais. Somente quem sabia ler e escrever, no caso os escribas, tinha acesso livre à classe aristocrata e à nobreza. Ou seja, saber ler e escrever era sinônimo de poder e prestígio e por isso mesmo nem todos tinham esse privilégio.

Segundo o autor Georges Jean (2008), enquanto a escrita cuneiforme se espalhava por toda a Mesopotâmia e ao sul da Palestina, o Egito e a China também desenvolveram outros sistemas de escrita. No Egito, esses símbolos eram chamados de hieróglifos que significa escrita dos deuses. Os egípcios realmente acreditavam que a escrita havia sido um presente dos deuses. Considerada uma escrita verdadeira já que registrava quase que totalmente a linguagem falada bem como situações abstratas como conselhos e preces. Os hieróglifos criados a cerca de 3000 anos a. C. somente sofrem uma modificação drástica há cerca de 1000 anos a. C, culminando numa das invenções mais extraordinárias da humanidade: o alfabeto. Criado pelos fenícios e aperfeiçoados pelos gregos e romanos até chegar ao alfabeto que usamos até hoje (HIGOUNET, 2003).

É neste momento que se introduz a relevância do estudo e compreensão das preposições. Após a consolidação do registro dos vocábulos, há a necessidade de criar ou transformar palavras que ligariam outras estabelecendo sentido entre elas. Como as preposições fora enquadrada como uma classe gramatical, a história do surgimento da gramática fez-se necessário na prática desse projeto. Sendo estudada por meio de uma atividade simples e dinâmica que forneceu dados específicos e sintéticos sobre o assunto, finalizando como uma cruzadinha.

Destarte, uma atividade prática foi realizada em dupla com os alunos em estudo, em que houve empenho e entendimento sobre as preposições, verificando-se por meio dos exemplos o poder de transformação que elas desempenham nos enunciados. Em dupla, também foram realizadas atividades que proporcionaram conhecimento sobre o uso das preposições essenciais, acidentais, locuções prepositivas, as combinações e contrações por elas sofridas.

Merece destaque a forma como foi trabalhada a conceituação semântica das preposições visto que, consideramos as dificuldades apresentadas pelos alunos sobre o reconhecimento, identificação e aplicação. O conceito inerente a cada classificação semântica das preposições foi detalhado em atividades interdisciplinares.

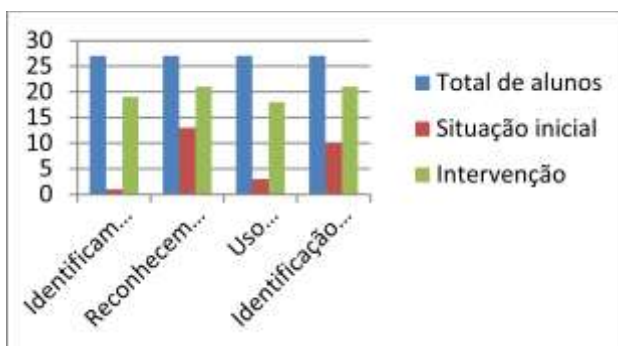
Um dos focos desta pesquisa foi exatamente a conscientização e atenção às pequenas palavras do texto que podem influenciar consideravelmente a mensagem. Por isso, foi planejado primordialmente um estudo das nomenclaturas mais usuais atribuídas ao sentido expresso pelas preposições. Os educandos foram divididos em duplas para pesquisarem em dicionários que os verbetes descreviam. Em seguida, condensaram e formularam conceitos mais compreensíveis e entendíveis que foram apresentados à turma para, posteriormente, efetuarem uma atividade com os conceitos supracitados. Objetivamos, assim, com atividades diferenciadas das tradicionais, ir além das nomenclaturas, aferindo orientações aos alunos que não sabiam o significado das preposições de causa, modo, finalidade, matéria e outrem; uma vez que as atividades com essa profundidade são inexistentes nos livros didáticos atuais, pois, equivocadamente, os autores pré-dispõem que os alunos já conheçam tais significados. “Ora, falta à maioria das pessoas leigas em questões linguísticas a clareza para discernir entre o que são regras de gramática e o que são apenas elementos da terminologia gramatical” (ANTUNES, 2003, p. 170), o que, concordando com Antunes, consideramos uma tarefa de fundamental importância para construção de mudanças nas teorias que ditam as práticas para a sala de aula.

É pertinente destacarmos a grande relevância da pesquisa referenciada, uma vez que o primórdio é a investigação acerca dos entendimentos atuais que os alunos possuem e a pretensão de comprovar que, indo além das nomenclaturas, evoluiremos rumo à práticas pedagógicas que potencializemos saberes e competências dos alunos no que cerne a percepção, compreensão e interpretação eficaz dos enunciados, afinal, “a atividade da linguagem é muito complexa, pois mobiliza tipos bem diferentes de saberes e competência” (ANTUNES, 2003, p. 63). Procuramos melhorar a capacidade leitora com o estudo semântico das preposições auxiliando aos alunos a busca pela aprendizagem significativa, o saber que muitas vezes vem implícito e carece de conhecimentos prévios – adquiridos com eficientes estudos gramaticais – para uma efetiva compreensão e imposição diante dos discursos.

Arrematando a temática desenvolvida, viabilizamos o conhecimento sobre os pronomes relativo e o uso das preposições ante a esses pronomes. Conteúdos que merecem atenção, responsabilidade e ponderação, visto que, até mesmo falantes da norma culta desconhecem o seu emprego, ou pelo menos, não os utilizam com frequência pela falta de segurança na aplicabilidade e entendimento da riqueza e funcionalidade. Pensamos que, devido a uma possível consideração de conteúdo complexo, não há a execução de um ensino mais aprofundado. Na intervenção realizada, no entanto, observamos que a maioria dos alunos assimilou mesmo que momentaneamente essas regras gramaticais consideradas complexas.

Para o desenvolvimento do projeto, todas as atividades aplicadas tiveram como apoio as tirinhas do Menino Maluquinho do escritor Ziraldo. Uma vez que a pretensão era estudar a língua em uso. Logo, foi de grande relevância para a aprendizagem conhecer um pouco sobre a vida e obras do autor supracitado. Ação que ocorreu de maneira coletiva e compartilhada com a projeção do conteúdo para toda a turma, pois, nem a escola nem a cidade de Paraíso do Tocantins dispõem de um laboratório de informática que comportasse toda a turma, nem mesmo aplicando a tática da realização das atividades em duplas. Entretanto, isso não impediu que aula fosse diferente e dinâmica já que todos participaram da leitura¹⁸⁰ das histórias e da biografia do autor.

Ao término da execução de todas as atividades, foi aplicada uma nova atividade semelhante à diagnóstica e concluímos, conforme os dados do gráfico abaixo, que houve um crescente aprendizado.



¹⁸⁰ Foram utilizados microfones para melhor compreensão da leitura em foco.

O resultado final obtido foi bastante satisfatório, uma vez que ensinar semântica é penetrar no mundo do abstrato. Desvencilhar a criança do mundo palpável, visível e tátil para o mundo surpreendente dos processos mentais que levam ao aprendizado de situações internas é fundamental e necessário.

Isso se deve ao fato de que a Semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também tem que ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos. (CANÇADO, 2018, p. 21)

Esperamos que esses estudos contribuam para o aprendizado de outras habilidades de leitura que exigem ir além do superficial; que tenha aguçado sua percepção em relação às palavras que não estão ao acaso no texto, palavras estas usadas como sinal de comunicação social “que só funciona porque, quando o usamos, associamos a ela um sentido construído em uma situação culturalmente definida” (FERRAREZI JR, 2008, p. 37). Instituído assim, a importância de ser um leitor proficiente, uma vez que os sentidos das palavras mudam dependendo do contexto em que são inseridas. “Nenhuma palavra tem um sentido fixo, que seja só dela e sempre dela. Nós é que associamos os sentidos às palavras no momento em que usamos” (FERRAREZI JR, 2008, p. 37).

Por meio dos estudos das preposições, procuramos demonstrar aos alunos que a gramática é muito mais ampla, vai além de regras, classificações e terminologias. A gramática da língua é a via que possibilita a organização de estruturas que permitem a aquisição de conhecimentos e aprendizados que propiciam a interação entre os interlocutores. É o seu uso prático e coerente que propicia o acesso dos falantes às esferas mais prestigiadas da sociedade, pois, os cidadãos, apesar de declarados iguais perante a lei, são, na realidade, discriminados já na base do mesmo código em que a lei é redigida. A maioria dos cidadãos não tem acesso ao código, ou, às vezes, tem uma possibilidade reduzida de acesso, constituída pela escola, e pela “norma pedagógica” ali ensinada (GNERRE, 1998, p. 10).

Por fim, ansiamos que a intervenção realizada com o estudo semântico das preposições tenha levado aos alunos não somente o aprendizado da natureza exata da relação entre o significado de palavras e o significado de sentenças; mas, que tenha provocado uma ampliação da compreensão acerca da necessidade de atentar-se à intencionalidade pretendida quando falamos

ou escrevemos, aos efeitos de sentido das palavras ou de outros aspectos da estrutura gramatical da sentença que podemos utilizar de forma a tornar a escrita e a fala mais clara, produtiva e cheia de significados passíveis de existirem dentro da normatividade tão vasta e rica da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003. p. 43, 63, 84, 121, 170

_____. Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

CANÇADO, Márcia. Manual de Semântica: noções básicas e exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 21.

DEVAL, Juan. Crescer e pensar: a construção do conhecimento na escola. Trad. de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 38.

DOLZ, Joaquim; SCNHEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 43, 104, 114, 127, 128

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992. p. 59

GNERRE, Maurício. Linguagem, escrita e poder. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 10

HIGOUNET, Charles. História concisa da escrita. Trad. de Marcos Marcionilo, da 10. ed. corrigida. São Paulo: Parábola, 2003.

JEAN, Georges. A Escrita: memória dos Homens. Trad. de Lídia da Mota Amaral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 11, 16

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 23. (Caminhos da linguística)

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 51

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. Afetividades e Vulnerabilidades na Relação Pesquisador/Sujeito Pesquisado. Produção de conhecimento e compreensão / [Org.] Dimas A. Künsch... et al., 1. ed. São Paulo: UNI, 2017. 311. p. 38, 39, 43

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 93-4

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Unesp, 2002.

PERINI, Mário A. Gramática Descritiva do Português. 4. ed. ABDR. 8. impressão. 2015. p. 35

PINTO, Ziraldo Alves. Pintor, cartazista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor. Disponível em: <<https://www.ziraldo.com/historia/home.htm>> Acesso em: 12/10/2018.

PISA, INEP, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa>> Acesso em: 12/10/2018.

PORTAL MEC. Como é feita a distribuição dos livros do Programa Nacional do Livro Didático às escolas? Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnaes/132-perguntas-frequentes-911936531/livro-didatico-1799853147/161-como-e-feita-a-distribuicao-dos-livros-do-programa-nacional-do-livro-didatico-as-escolas>> Acesso em: 10/10/2018.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. Trad. de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. – 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.